

## A descoberta do mundo depois da Copa de 1994

**Tatiana Pequeno**



É autora dos livros de poesia *Aceno* (2014) e *Réplica das urtigas* (2009). Professora de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF – Niterói/RJ. Doutora em Vernáculos pela UFRJ, com tese sobre Maria Gabriela Llansol.

Tijucana e “lusitana” que é, de longe (e de perto), ela torce pelo

Vasco, clube que homenageia o descobridor do caminho marítimo para as Índias, Vasco da Gama (1469-1524), nascido em Sines, mesma cidade de Al Berto, poeta marcante na trajetória acadêmica e literária da autora.

Ao escrever poesia, Tatiana Pequeno reflete muito a respeito da própria escrita e da vida contemporânea, “a poesia é apenas um modo particular de enfrentar o mundo, de através de um universo microscópico estar à deriva com tantos outros”, diz no derradeiro texto de *Aceno*.

Aqui, com o humor e a sensibilidade de quem é afetada pela cidade, por meio da inscrição pichada perto da rodoviária do Rio – “vitória consagrada do Jorginho” –, a autora mostra o futebol a partir de seu modo singular de nomear o mundo – “nós, as meninas, em 1994”.

deve ter uns vinte anos que passo  
naquele viaduto e leio há tempos  
perto da rodoviária na Leopoldina  
a mesma frase que diz comovida

### *vitória consagrada do Jorginho*

creio ter a ver com a conquista  
brasileira na copa de 1994 e de como  
o jogador chamado Jorginho, grande  
lateral-direito, superou o descrédito a  
desconfiança e a insegurança que  
vinham de uma seleção burocrática  
no maior torneio eliminatório das Américas  
para os meus olhos bastante adolescentes  
de uma década de longo tempo sem gols.

não sei bem porque a frase permanece lá  
depois de tanto sol tantas obras tanto pó  
ainda

só consigo pensar no gesto de alguém  
um homem

comprando pincel e tinta branca e indo  
escrever no concreto uma declaração  
pública de identificação íntima com o  
jogo e a superação daquele Jorginho  
que, ao mesmo tempo, compunha parte  
das figurinhas que tive no álbum da  
campanha futebolística de 1994 embora  
de minha parte houvesse mesmo um

encanto pelo Ricardo Rocha, zagueiro  
espiritual de verve vascaína e nordestina  
que conheci por ter irmã de maiô  
competitivo preto e branco, ginasta  
daquele clube onde tudo o que consegui  
foi um autógrafo do Capitão que coleí em  
meu caderno verde e amarelo de poemas.

nós, as meninas, em 1994, queríamos  
falar dos jogos, do nervosismo do Dunga  
mas a mim, na oitava série, diziam era que  
jamais me casaria com Leonardo, aquele  
que foi expulso no jogo contra os americanos  
por ter acertado uma pontiaguda cotovelada.

lembro-me da vitória consagradora do Jorginho  
e sei que após os jogos esta frase fazia sempre  
muito sentido no tempo que se seguiu e penso  
que tenha a ver com a adversidade que soube  
anos depois a caminho da faculdade na ilha  
distante do Fundão onde sempre terminar  
alguma coisa tinha a ver com vencer e ganhar  
realmente uma outra sensibilidade com isso.

fato é que o tempo já se faz há muito e  
como de fato não me casei com o Leonardo  
pois para mim as mulheres talvez tenham sido  
mais sensíveis e conversadoras que conservadores  
(por que diabos os meninos me interditavam  
fosse o Branco, o Jorginho ou o Leonardo?)

e assim, a verdade é que jamais fui muito de  
jogos – além de nunca ter ido adiante com o vôlei no  
Bonsucesso Futebol Clube – entendi que mais  
que conhecer o Jorginho, queria mesmo era  
saber do autor do piche, conhecer o motivo  
da sua inscrição, reconhecê-lo como sujeito  
não de uma ajuda mas de uma suspeita que  
por mais de vinte anos perdurou pela consagração  
de um personagem que ao vencer  
nos salva a ponto de agradecermos por meio  
de uma escrita algo como obrigado, Jorginho  
pelo seu jogo, e dito isso fica claro que  
nele me identifico porque sei que preciso  
vencer este concreto porque sei que preciso  
passar esta linha vermelha porque  
sei que preciso aprender a jogar a bola porque  
um dia pensei que um livro fosse para escrever  
sobre  
essa vitória consagradora mas aqui  
nesta época sem caderno verde-amarelo sem  
editora sem o dinheiro do Jorginho sem bolas  
não foi  
não fui  
não consegui.

\* \* \*

Rio de Janeiro, 2015.  
para o Gustavo.